



EXACERBAÇÃO DAS VULNERABILIDADES SOCIAIS NA PANDEMIA: LGBTQIA+FOBIA

ALEXIA VARGAS DE VARGAS¹; LETIANE BORGES CANEZ²;
VALÉRIA CRISTINA CHRISTELLO COIMBRA³; MICHELE MANDAGARA DE
OLIVEIRA⁴;

¹*Universidade Federal de Pelotas – alexia.vv00@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – letianecanez@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – valeriacoimbra@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – mandagara@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a busca realizada, as denúncias de violência para com a população LGBTQIA+ registradas demonstram que casos violentos contra esses indivíduos duplicaram nos últimos tempos. É importante ressaltar que, a não contabilização dos casos não denunciados, justamente pela ausência de registros, indica uma gravidade desconhecida e ainda maior no que diz respeito aos dados de violência contra a população em questão (REIS, 2021).

Dito isso, o presente resumo objetiva discutir bem como alertar a comunidade acerca do determinante violência para com a população LGBTQIA+ considerando ainda o contexto pandêmico pela COVID-19 vivenciado desde março de 2020, visto que a partir da instauração do mesmo, medidas de distanciamento e isolamento social precisaram ser adotadas ao se visar a diminuição das taxas de infecção pelo Sars-CoV-2 e com isso inúmeros indivíduos acabaram confinados à lugares que lhes adoeciam.

2. METODOLOGIA

O presente resumo trata-se de uma revisão integrativa, cujo propósito consiste na apresentação de dados referentes às violências mais cometidas para com as minorias sexuais e de gênero. A busca de dados ocorreu a partir das bases de dados eletrônicas Portal de Periódicos CAPES, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e PubMed. Para a realização das pesquisas no LILACS, PubMed e CAPES, utilizou-se, respectivamente, os seguintes descritores “LGBT” AND “Violence”, “Gender-based violence” AND “Sexual and Gender Minorities” e “Sexual and Gender Minorities” AND “COVID-19” e “Minorias Sexuais e de Gênero” AND “Violência”. Foram encontrados 447 artigos dos últimos 5 anos (2016 a 2021), sendo 57 desses presentes na base de dados LILACS, 256 na PubMed e 134 na CAPES. Destes, foram selecionados 23 títulos para análise final.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com BRAGA *et al.* (2018), as violências contra a população LGBTQIA+ têm início ainda ao longo da juventude, com familiares e amigos, o que acarreta no aumento da probabilidade de tentativa do suicídio bem como do



uso de substâncias lícitas e ilícitas. Normalmente, os pais anseiam que os seus filhos correspondam ao ideal esperado de acordo com os padrões de gênero impostos pela sociedade, e com a não correspondência a esses padrões muitos desses entes queridos tendem a adotar posturas violentas frente a tal, o que favorece ao sofrimento psicológico destes jovens, a partir da experiência de situações traumáticas e consequente exclusão social, uma vez que a família seria a sua maior rede de apoio e a mesma se encontraria indisponível.

Segundo o Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN), entre 2015 a 2017, registraram-se 24.564 notificações de violências contra a população LGBTQIA+, sendo 53,4% destas contra gays, lésbicas e bissexuais e 46,5% contra travestis e transexuais, sobre as quais 69,1% dos alvos eram adultos e 24,4% adolescentes, cuja maior parte dos casos ocorreram nas próprias residências, seguida por via pública e então instituições de ensino. Cerca de 29% dessas notificações eram de tentativas de suicídio, sendo mais de 22 notificações de violências autoprovocadas, dados estes que sofrem influência direta da rede de apoio familiar e da forma como ela se estabelece. Ainda, as violências mais frequentes para com a população LGBTQIA+ foram as físicas, psicológicas e sexuais, e a maioria dos autores era do sexo masculino. Em 2011 foi criada a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSILGBT), que tem como intenção assegurar a participação dessa população no Sistema Único de Saúde (SUS) assim como implementar a equidade, e a partir disso permitir a coleta de dados acerca das violências direcionadas à população LGBTQIA+ (PINTO *et al.*, 2020).

Apesar da existência de tal política, o Brasil é o país que mais apresenta morte de pessoas LGBTQIA+, que considerando a pesquisa realizada por VASALLO *et al.* (2021), tem-se o registro de 123 mortes violentas no ano de 2016 e de 420 mortes violentas no ano de 2018, ou seja, o número de casos relacionados à morte de tais indivíduos mais do que dobrou em um período de dois anos. Em 2018, mesmo ano em que hoje gestor a, casos como o de uma mulher homossexual empurrada para a morte e de travestis sendo espancadas até a morte foram registrados, ". O fato é que, diversos outros casos de violências e torturas foram registrados por conta da lgbtfobia (MEDEIROS, 2019).

As populações de minorias sexuais e de gênero foram retiradas das diretrizes de políticas públicas do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos. Além disso, o projeto Escola Sem Homofobia foi denominado como “kit gay”, pois representava uma ameaça às famílias cis heteronormativas, sendo que o projeto visava unicamente combater as violências contra a população LGBTQIA+ através de cartilhas pedagógicas dentro do o ambiente escolar (MEDEIROS, 2019; NOVAIS, 2021).

De acordo com GATO *et al.* (2021), durante o período de lockdown ocorreram o encerramento de serviços, tanto privados quanto públicos, o que trouxe impactos diretos à saúde mental dos indivíduos pois os mesmos tiveram que lidar com sentimento de medo com relação à infecções, perda financeira e ao futuro incerto, aumentando então os casos de ansiedade e depressão, principalmente entre a população LGBTQIA+. O fechamento de instituições de ensino fez com que diversos jovens de minorias sexuais retornassem para as suas casas, local no qual muitas vezes deparam-se com maior vulnerabilidades e discriminação, alguns deles relatam inclusive o sofrimento ocasionado pelos esforços em ocultar sua orientação sexual e/ou gênero de sua família.



Em razão da pandemia, muitos destes indivíduos não conseguem denunciar as violências que os acometem por meio dos canais tradicionais, como através das instituições de ensino, o que acarretou também em uma menor acesso aos recursos apropriados para se lidar com a sobrecarga mental. Com o cancelamento de cirurgias de afirmação de gênero, teve-se também uma piora no que diz respeito à saúde mental dos indivíduos que à almejam, uma vez que o seu acontecimento significa a afirmação da sua identidade de gênero bem como menores discriminação e preconceito (FLAHERTY *et al.*, 2020).

Como evidenciado por SOUSA (2021), a população em questão está passando por desafios, sendo alguns deles a perda de seus empregos ou medo de perde-los e a falta de acesso à saúde, como a medicamentos para HIV e a hormonioterapia, e muitas vezes o fornecimento de algum auxílio financeiro significa menor vulnerabilidade e menor propensão a situações de risco, pois muitos destes indivíduos precisam escolher entre manter sua casa, se alimentar e se proteger contra o coronavírus, e muitas vezes a solução que encontram é a prostituição. A violência contra a população LGBTQIA+ prejudica ainda mais a vida das pessoas da comunidade LGBTQIA+, uma vez que colocam os seus direitos em risco ou até mesmo os privam.

4. CONCLUSÕES

Os casos de ansiedade e depressão passaram por um aumento ainda maior devido à pandemia, pois muitos indivíduos LGBTQIA+ tiveram que retornar para as suas casas, com suas famílias, onde muitas delas sofreram e/ou sofrem violências, tanto psicológicas quanto físicas (GATO, 2021). Consequentemente os casos de violências aumentaram também, e para fugir dessa realidade retornar ao armário foi uma maneira de evitar ou de pelo menos minimizar essas situações.

Para as pessoas trans e travestis essa realidade é ainda pior, pois muitos foram expulsos de sua casa e com a falta de emprego e crise mundial, que foi acarretada pela pandemia, algumas se submeteram a prostituição para garantir o próprio sustento. Portanto, notou-se um agravo em todos os tipos de violências e nos casos de doenças mentais dessa população, o que acaba aumentando as chances de passarem por necessidades e de cometer suicídios (SOUSA, 2021).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, I.F. *et al.* Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Ribeirão Preto-SP, 2018.

FLAHERTY, A.J. *et al.* Should Gender-Affirming Surgery Be Prioritized During the COVID-19 Pandemic? **Otolaryngol Head Neck Surg**, p 1140-1143, 2020.

GATO, J. *et al.* Psychosocial Effects of the COVID-19 Pandemic and Mental Health among LGBTQ+ Young Adults: A Cross-Cultural Comparison across Six Nations. **Journal of Homosexuality**, v.28, p. 612-630, 2021.

MEDEIROS, E.S. Necropolítica tropical em tempos pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos. **Revista**



Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, Belo Horizonte-MG, v.13, n.2, 2019.

MENDES, W.G.; SILVA, C.M.F.P. Homocídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. **Ciência Saúde Coletiva**, p. 1709-1722, 2020.

NOVAIS, K.C. Lutar, amar e sofrer entre as Mães pela Diversidade. **Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n.36, p. 291-316, 2020.

PINTO, I.V. *et al.* Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Distrito Federal, 2020.

SOUSA, A.R. *et al.* PESSOAS LGBTI+ E A COVID-19: PARA PENSARMOS QUESTÕES SOBRE SAÚDE. **Revista Baiana de Enfermagem**, v.35, 2021.

VASALLO, L.H.M.M.; VASALLO, B.M.; DIHIGO, A.R. La Libertad personal basada en la orientación sexual e identidad de género: un derecho humano vulnerado. **Revista Médica Electrónica**, Matanzas, v.43, n.2, 2021.